

Monsanto exaltou o ritual da lenda

O pote florido simboliza a bezerra, exaltada na lenda. Numa evocação a um momento de paz e glória do povo da aldeia, aquando da invasão inimiga em tempos remotos, a “bezerra” foi deitada do cimo do Castelo, penhascos abaixo. Marcante para os monsantinos, o feito foi desde tempos remotos tido como uma vitória popular perante a injusta invasão dos mouros. Ao longo dos séculos, um peculiar cerimonial celebra o culto, com arreigado sentimento de quantos o participam, e ao mesmo tempo solenizado de forma festiva.

Manuel João Barbosa

Num promontório da campina beiraltina, um aglomerado de rústicas habitações se ergue altaneiro. Ruelas sinuosas e recantos de uma admirável ruralidade se abrem entre gigantescos rochedos de granito. Igrejas e capelas de muitos séculos, casas de pedra se levantam num vertiginoso zig-zague, deixando entre si recantos de exótica beleza. Imune ao tempo que passa, Monsanto mantém a rusticidade que a celebrizou. E a força de ser sempre a “Aldeia mais Portuguesa” de Portugal.

A Festa de Santa Cruz, com o ritual dos “Potes” a ser recriado no dia 3 de Maio (a festa pagã decorre sempre no primeiro fim de semana de Maio), despertou para relembrar ancestrais cultos populares. Mulheres levam ao cimo do Castelo potes floridos, que atiram pelos rochedos abaixo, simbolizando o acto libertador da invasão inimiga, quando o povo se viu cercado por um exército adversário, que queria conquistar o estratégico promontório onde se ergue a histórica aldeia. Cantando e dançando ao som do harmónio e dos adufes, das muralhas lançam o pote de barro, enfeitado de flores, que simboliza a bezerra dos seus antepassados. As raparigas levam ainda nas mãos bonecas feitas de trapos, as “marafonas” vestidas à moda antiga, que simbolizam as mulheres de Monsanto dançando e cantando após a libertação do cerco.

Na rua da Lajinha, ladeada de rústicas casinhas, preparou-se o pote florido. As adufeiras entoaram o bonito cântico “Divina Santa Cruz”. Partiram depois, ruelas acima, em direcção ao Castelo, sempre cantando trechos da tradição popular. Agora “Lá Acima ao Castelo”. O povo juntou-se-lhes. A chuva que caía não desencorajava quantos integravam o cortejo. O percurso, naturalmente difícil, foi afastando alguns idosos, tristes por não poderem cumprir a tradição.

No Castelo, antes de ser cumprido o cerimonial do



O ritual da bezerra cumpre-se agora com o pote florido, que é arremessado pelos penhascos do Castelo



O cortejo dirige-se para o Castelo, entoando cantigas tradicionais



O grupo tradicional “As Adufeiras de Monsanto” sempre empresta ao cerimonial preciosa colaboração

pote, as mulheres, homens e crianças cantavam e dançaram frente à capela, construída entre as muralhas da fortaleza. Sempre entoando cantigas da sabedoria popular, o cortejo pára no promontório mais alto do Forte. A “bezerra” é atirada pelos penhascos. A vitória do povo de Monsanto celebra-se uma vez mais de forma particularmente emotiva.

A lenda

Subjacente à Festa de Santa Cruz está a lenda. Há muitos séculos atrás, as gentes de Monsanto resistiram à fome e ao sofrimento ao cerco de um exército de invasores. A aldeia foi esgotando os mantimentos até sobrar apenas um vitelo e um alqueire de trigo. Quando tudo parecia perdido, uma anciã da aldeia arquitectou um plano genial. Depois de alimentar o vitelo com o último alqueire de trigo, foi arremessado pelo penhasco, caindo no meio do acampamento sitiante. Os guerreiros vendo que os aldeões se davam ao luxo de atirar um vitelo bem ali-



A festa popular, antes de cumprir o culto

mentado para o acampamento, julgaram que Monsanto estaria sob a protecção de uma estranha força divina, vivendo ainda com abundância. Os invasores levantaram o cerco e deixaram a população em paz. Foi assim que a argúcia de uma anciã Monsanto derrotou as tropas sitiadas.

Este episódio terá ocorrido no dia 3 de Maio de um tempo naturalmente remoto. E é nesse dia de cada ano que se evoca o feito, integrado na Festa de Santa Cruz, do Castelo ou da “Bezerra”. ■